

ZARATUSTRA: DA COSMOLOGIA À ÉTICA IRANIANA

Gabriel Lomba Santiago

Instituto de Filosofia – PUCCAMP

“Há dois espíritos irredutivelmente opostos pelo pensamento, pela palavra e pela ação. Um traz a vida, o outro a morte. Ambos se enfrentam em cada homem, cada povo”.

Zaratustra

INTRODUÇÃO

Falar de filosofia oriental é falar na integração entre pensamento, linguagem, vivências, comportamento, cosmos. O pensamento oriental é elaborado em várias regiões da Ásia como Irã, China, Índia, Japão e eventualmente se inclui o Egito antigo pela grande permeabilidade cultural com povos asiáticos. Costuma-se excluir da filosofia oriental a filosofia árabe e judaica por estarem familiarizados com a evolução filosófica do ocidente através das obras de Aristóteles.

A primeira vista, pode haver certa dificuldade para determinar o que se entende por “Filosofia Oriental” na medida que ela está permeabilizada pelo fenômeno religioso e posteriormente teológico.

O que há de comum entre as várias manifestações filosóficas dos povos orientais é o conceito de **salvação**. Salvação no todo cósmico ou integração definitiva.

Os orientais não expressam uma filosofia basicamente racionalista, nem se encontram obras especulativas, muito menos se encontra o objetivo de refletir pelo prazer de saber: a intuição (compreensão imediata) suplanta a reflexão (compreensão mediata).

A observância das leis da ordem cósmica evitou o avanço científico e técnico nos moldes do ocidente: a intuição está acima da manipulação da natureza. Embora Zaratustra, no Iran, desempenha uma atuação profética e até revolucionária, os povos orientais permanecem identificados, sintonizados com a natureza.

O conteúdo filosófico iraniano está implícito no teológico e este no cósmico, determinando assim o seu conteúdo cultural. E como isso se dá?

A agricultura não é apenas um fato econômico mas um acontecimento da maior grandeza: é moral e religioso. O homem tenta superar a dependência da natureza. Não somente isso, a passagem do nomadismo para a agricultura enfrenta ameaças terríveis de assaltantes. Precisamente nesse ambiente aparece a figura de Zaratustra (VII a.C., reformador da antiga religião iraniana, ensinando uma doutrina próxima do dualismo iraniano). Zaratustra mostra como organizar a resistência frente aos predadores da natureza. Logo o mal é obstáculo oposto à preservação da natureza e à humanização dela. Concebe a passagem de um Deus cósmico para um Deus ético sem admitir a visão antropomórfica de Deus.

Na medida que o homem é responsável pela criação, vislumbra-se uma teoria linear da história, onde a figura profética de Zaratustra equivale a um final da humanidade, pois enquanto estamos neste mundo há uma luta entre o princípio do **bem** e do **mal** ou seja entre Ahúra-Mazdá (Deus) e Arimã (princípio do mal). Mas para Zaratustra Ahúra-Mazdá criou a liberdade, logo, o homem tem opção para escolher entre o bem e o mal: é responsável por essa escolha. Isto é o ponto central da concepção de Zaratustra: a liberdade de escolha.

O pensamento iraniano está todo na reflexão sobre os princípios que dominam o mundo e sua incidência na realidade cultural.

I – PANORAMA HISTÓRICO

Tribos nômades indo-iranianas no ano 2.000 a.C. separam-se em dois ramos: uma alcança a Índia e a outra estabelece-se nos planaltos Afeganistão e Iran. Essas tribos evoluem paralelamente mas diferentemente enquanto concepção de vida: com Zaratustra evolui uma religião **profética** no Iran e na Índia se dá um processo **místico**.

Os primeiros livros sagrados dos iranianos são os hinos do Avesta compostos nos séculos XIV-X a.C. Igualmente os primeiros hinos dos Vedas da Índia. Os deuses Ahúra-Mazdá dos iranianos e Varuna dos indianos são os deuses da abóboda celeste. A religião masdeísta dos antigos iranianos a partir do século VII a.C. interioriza-se com Zaratustra, isto é, caminha da visão cósmica exteriorizada para a visão ética, interiorizada no homem. No mesmo tempo da Índia vai dos escritos védicos para os Upanishades. Há, em síntese, o trânsito do cosmológico ao antropológico na perspectiva ética: a divindade está no interior do homem, é preciso descrevê-la e relacioná-la com o próprio homem e fora dele, com o mundo.

II – O CONTEÚDO MÍSTICO

Os indo-europeus que penetram no Iran praticam a agricultura e criam animais desenvolvendo uma economia pastoril. A estrutura familiar é patriarcal com grande tendência para a organização militar tendo em vista a conquista de maiores espaços territoriais. Nessa sociedade pastoril evolui a economia e se desenvolve a religião. Religião esta que se forma da idéia de soberania e de criatividade, isto é, Deus é Pai. Elaboram então uma teologia e mitologia próprias a partir da prática dos sacrifícios onde a palavra e o canto assumem um grande valor. Com os rituais “sacralizam” o espaço cósmico e o local em que vivem. Sentem com isso renovar o mundo e ter contacto maior com os deuses.

Entre os indo-iranianos existe a divisão da sociedade em três classes: sacerdotes, guerreiros e criadores-agricultores, correspondendo a ideologia religiosa sob três aspectos: a função da soberania, deuses guerreiros e à função da fecundidade enquanto progresso econômico. Diferentemente dos indianos, esta funcionalidade não evolui para o sistema de castas. O culto do fogo é de grande importância cosmológica.

Na época indo-européia, o fogo doméstico é cultural originário de um costume pré-histórico mas existente em diversas sociedades primitivas. No Veda, o deus Agni representa a sacralidade do fogo mas não se limita a sacralidade, está acima dela. Agni é filho de Dyaus e do lado iraniano Atar, é filho de Ahúra-Masdá que “nasce” no céu, de onde desce sob a forma de relâmpago, encontrando-se também na água, nas plantas. Esses elementos são importantes para explicar o ponto de partida mítico do profeta Zaratustra como também a ordenação do “céu” e da “terra” em que aparecem os termos do positivo e negativo, do bem e do mal, da luz e das trevas, da realidade e da ilusão.

No Iran, como a concepção do tempo é linear, aparecerá a necessidade de uma escatologia (fim) otimista, o mito do Salvador(mediador) universal, a ressurreição dos corpos e o triunfo definitivo do Bem.

Zaratustra, personagem histórico e mítico valoriza mas também combate concepções religiosas: reafirma a luta contra o mal e condena os sacrifícios de animais. Assim. Zaratustra é um reformador da religião tradicional e ele representa apenas um aspecto da religião iraniana que é o masdeísmo e cuja figura central de adoração: Aúra-Masda(Senhor). Zaratustra é obsecado pela doutrina do castigo para os maus e a recompensa para os bons. Além dos dados históricos, os elementos mitológicos sobre ele são enormes no Avesta. Na prática, o livro pretende transformar um ser histórico em arquétipo (modelo eterno), divinizando sua pessoa.

A divinização de Zaratustra é a fundamentação do mito em volta de sua pessoa: “Os textos tardios insistem demoradamente na

pré-existência celeste de Zaratustra. Ele nasce no 'meio da história' e no 'centro do mundo'. Ao receber o 'xvarenah' (iluminação) de Zaratustra, sua mãe foi envolvida por uma grande luz. Durante três noites, as partes laterais da casa pareciam ígneas. Quanto à substância do seu corpo, criada no céu, caiu junto com a chuva e provocou o desenvolvimento das plantas, que são comidas pelas duas novilhas pertencentes aos pais do profeta: a substância passou para o leite que, misturado com 'haoma' foi bebido por seus pais: estes se uniram pela primeira vez e Zaratustra foi concebido. Antes de seu nascimento, Ahraman e os 'dev' esforçam-se inutilmente para fazê-lo morrer. Três dias antes de sua vinda ao mundo, a aldeia brilha com um tal fulgor que os Spitamidas, crendo em um incêndio, a abandonam. Ao voltarem encontram uma criança resplandecente de luz. Segundo a tradição, Zaratustra veio ao mundo rindo. Mas nascera, é atacado pelos 'dêv' (= daêva), mas afungenta-os pronunciando a fórmula sagrada do madeísmo. Sai vitorioso das quatro provas, cuja caráter iniciatório é evidente (é jogado sobre uma fogueira, num covil de lobos, etc)".¹

Nessa narrativa mística, Zaratustra tem o estigma do Salvador divinizado: a luz sobrenatural e a luta contra o maligno. O masdeísmo se constitui no centro do qual irradia toda luz contra o mal (trevas).

III – DA COSMOLOGIA A ANTROPOLOGIA SOCIAL-ÉTICA

Aúra-Masda se revela a Zaratustra. Este é livre para aceitá-lo ou não, desta maneira o homem não se sente servo de Deus como os fiéis de Javé ou Alá. Aúra-Masda é bom, cria o mundo pelo pensamento. A criação do mundo iraniano é análogo à criação do nada na perspectiva teológica cristã. Zaratustra conhece seu deus pelo pensamento.

Para compreender a cosmologia iraniana é preciso investigar a formação da divindade iraniana. Aúra-Masda além de ser pai de várias entidades espirituais engendra dois espíritos gêmeos: Spenta Mainyu (espírito bom) e Ângra Mainyu (espírito destruidor). Estes escolhem: um a vida do outro a morte. Ambos se opõem. Uma oposição que não é propriamente por natureza mas por opção.

Não se pode atribuir à teologia Zaratustriana a determinação de um dualismo radical, nem muito menos Aúra-Masda ser confrontado com um deus contrário. A oposição está na origem entre os dois espíritos gêmeos e Aúra-Masda está acima deles. Por outro lado, Angra Mainyu (o mal) escolheu livremente apesar de que Aúra-Masda sabia antecipadamente da sua decisão. Por isso a existência do mal está ligada à liberdade de escolha humana.

Não resta dúvida que a partir dessa descrição aparece o conceito de **juízo**: uns serão "hóspedes do paraíso, outros permanecerão

hóspedes da casa do mal (Yasna 46:11). Desta maneira está superada a concepção do ciclo cósmico periodicamente regenerado: para Zaratustra a 'escatologia' ou o 'eschaton' será decidido por Aúra-Masda. O mundo então será transfigurado e os 'daevas' (deuses tradicionais iranianos) destruídos e o mundo renovado. Evidentemente Zaratustra encontra em Aúra-Masda o "sábio experiente", conferindo à sabedoria um alto valor enquanto superação de antigas formas de sacrifícios e a busca de uma religião interior. A busca de uma religião pura. Juntamente com isso considera o culto do fogo como o momento do pensamento sobre a justiça pela qual esta espiritualiza o mundo: sabedoria e iluminação são consideradas importantes para explicar a ação do Bem sobre o mundo. Resta saber como a força do Bem vai a caminho da "transfiguração" do mundo. Aí acontece a renovação universal, a ressurreição dos corpos e uma nova concepção de imortalidade.

Na prática Zaratustra foi o reformador social e religioso. Na sua atividade de reformador social, sua pregação se dirige aos chefes para interceder pelos trabalhadores contra os tiranos e ainda defender os animais contra o mau trato de seus senhores. Nesse sentido Zaratustra é um defensor da dignidade humana ao arrancar o homem das servidões da história, fazendo o papel do profeta.

Realmente o profetismo e a revolução estão enraizados no cotidiano da vida, na luta entre o bem e o mal, na luta do camponês e do pastor contra o nômade e o ladrão. É preciso entender com Zaratustra que o Mal é aquilo que põe impecilhos no esforço pela humanização da natureza, nesse sentido ele é o pioneiro da ecologia, da vida nova, na medida que o homem deve agir como responsável pela criação.

A obra de Zaratustra pode ser compreendida em quatro etapas: A concepção monoteísta, onde Aúra-Masda é o Senhor do Bem. O mundo é o lugar da luta entre o homem que quer humanizá-lo e aquele que quer destruí-lo. Não é necessário fazer rituais para se aproximar dos deuses nem muito menos sacrifícios, agora o homem encontra Aúra-Masda em si mesmo quando o próprio homem quer preservar a natureza e evitar o sacrifício de animais, portanto há uma nova maneira de relacionar-se com o divino. Finalmente, uma nova maneira de viver as relações com a natureza na medida que se respeite a vida dos animais e vegetais, por sinal, um exemplo profundo para os homens de hoje que aprisionados pelo poder econômico (mal) desmatam enormes regiões do planeta comprometendo a vida e desafiando o criador da vida Aúra-Masda (bem).

A concepção que Zaratustra tem de deus demonstra que ele não fica apenas numa simples mudança do deus cósmico para o deus ético mas vai além, evita toda a afirmação antropomorfa dele, portanto afasta uma natureza humana de deus como faziam os gregos.

A reforma de Zaratustra permitiu a implantação do monoteísmo e aproveitou o dualismo para colocar em evidência o caráter moral das tradições religiosas acentuando a **grande escolha** com que o homem deve traçar o rumo de sua existência colocando-se do lado do Bem ou de Aúra-Masda e portanto opondo-se ao espírito do Mal, Arimã. A cada momento o homem pode atingir a libertação, isto é, a liberdade primordial, antes da opção pelo Mal. Desta maneira no começo não há queda mas escolha. Isto é indicativo de que se processa no tempo e no espaço uma batalha entre a luz e as trevas.

Para Zaratustra a vida é um combate. "Combate indivisivelmente interior (contra nossas pulsões tenebrosas) e exterior (contra os partidários da ação das trevas). Doutrina esta que põe em primeiro plano a ação, com suas dimensões de interioridade e de eficácia. Cada homem é tanto um guerreiro quanto um místico. Tem absoluta confiança no desfecho da batalha que verá a vitória do último salvador, aquele que virá terminar a metamorfose do mundo, no fim dos tempos. A vitória desse salvador, o Saoshyant (guerreiro luminoso), será a vitória da liberdade reconquistada e de uma ordem humana sobre a terra. Mas quem quer que participe, já hoje, de sua vinda, é um Saoshyant. Essa vitória é ao mesmo tempo ressurreição e revolução"². O profetismo revolucionário se dará mediante o pensamento puro, a palavra pura e a ação pura: é uma revolução teológica com o profundo sentido ético do profético.

Vamos colocar aqui alguns fragmentos de Zaratustra, mas antes vale uma explicação. O livro sagrado dos Iranianos é o AVESTA: três quartos desse livro antigo estão desaparecidos. Dos textos que foram conservados apenas as "gathas" foram (provavelmente) escritas por Zaratustra. E basta lembrar que o Avesta foi redigido em diferentes épocas e não é obra de um só autor.

O Avesta compreende quatro partes: 1) Yasna = coleção de orações e invocações incluindo as Gathas ou sermões ritmados de Zaratustra. 2) Vispered = contém adições do Yasna, invocando divindades. 3) Vendidad = é um ritual anti-demoníaco (regras e magias). 4) Yashti = hinos dedicados as divindades populares como Mitra, por exemplo.

Vejamos um dos mais belos hinos poéticos e éticos de Zaratustra contido nas Gathas:

Há dois espíritos irredutivelmente opostos pelo pensamento, pela palavra e pela ação. Um traz a vida, o outro a morte. Ambos se enfrentam em cada homem, cada povo. Enfrentam-se desde o primeiro homem até o fim dos tempos.

Escutem os homens e compreendam, porque da escolha que fizerem entre a luz e as trevas dependerá sua sorte nos dois

mundos. A luz e a noite, a vida e a morte... Como reconhecer uma e defender-se da outra? A quem irás castigar? A quem dará a felicidade? O preferido de Deus é o bom lavrador da terra dos homens.

Ao contrário, faz morrer minha palavra quem lança um olhar destruidor sobre o boi, o arado e sobre o sol. Quem arrasa os campos e insulta o justo, quem espera a vida do abuso da força, quem deseja o poder para fazer fortuna. São estes exterminadores do mundo... Destroem os dois mundos... Destroem a própria alma e arruínam o mundo. Mas uma realza adquirida pelo mal desaparecerá. Quem os impedirá de oprimir à vontade? Cegos e surdos uniram-se no poder. Vão destruir o mundo dos homens.

Para que terras dirigirei meus passos? Aonde irei levar minha oração? Todos me abandonam. Os tiranos cercam-me de ódio perseguem-me. Que força, a não ser a tua, poderá fazer-me espalhar tua palavra e dar o triunfo à tua justiça, ó Aúra-Masda?

De ti espero a força e a alegria que um amigo dá ao amigo. Quando virão aqueles que devem construir os grandes dias?

CONCLUSÃO

A filosofia oriental, na vertente iraniana é fundamentalmente salvacionista e de um dualismo mitigado na concepção avançada de Zaratustra. Ele passa das manifestações cosmológicas mais antigas do Zervanismo para uma concepção monoteísta e ética.

A forte sensibilidade pela natureza e sua filosofia da preservação da natureza, transformou Zaratustra num pioneiro da "ecologia" entendendo essa visão para castigar o destruidor (mal) e aquele que preserva animais, plantas, etc. como aquele que faz o bem e está ao lado de Deus.

A origem do mundo é criação divina (o grande Bem). Mas dois espíritos gerados pelo deus Aúra-Masda escolhem o bem e o mal. A opção, a escolha, é o grande conteúdo de liberdade existente na filosofia teológica iraniana. O mal existe, mas existe a liberdade para evitá-lo.

Para Zaratustra, o sentido da liberdade determina o **juízo** final, porque admitindo a concepção linear e não cíclica do tempo, o homem pode ser nesse mundo o grande guerreiro contra o mal em vista de um final bom, transfigurativo, um novo mundo onde impere o domínio do Bem. Esse final, escatológico, os mortos ressuscitarão e serão julgados. Percorre essa visão a idéia otimista da

vida na medida que o homem seja aquele que preserva a natureza e o bem, onde os maus serão punidos.

Essa linearidade histórica em que o princípio (Bem) meio (bem-mal) e fim (o Bem triunfa definitivamente) cumprem as leis cósmicas de Aúra-Masda e se transformam no comportamento ético do homem: pensamentos, palavras e ações puras. Estes elementos serão de grande valia para os profetas de Israel, o cristianismo, o maniqueísmo e Maomé.

A liberdade e a escolha do bem para um mundo mais justo e mais belo em vista de uma humanidade feliz é a grande utopia do nosso tempo.

NOTAS

(1) Mircea ELIADE, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, Tomo I, Vol. II, p. 144-45.

(2) Roger GARAUDY, *Apelo aos vivos*, pp. 91, 92.

BIBLIOGRAFIA

- BURNS, E. MacNall, *História da Civilização Ocidental*, Porto Alegre, Globo, 1952.
- CAMPBELL, Joseph, *O Herói das Mil Faces*, São Paulo, Círculo do Livro, 1988.
- DARMSTETER, J. *Le Zend-Avesta 1982-3*, Paris (reimpressão, 1960).
- DRIOTON, Étienne, et. alii, *As Religiões do Antigo Oriente*, trad. Vale-riano de Oliveira, S. P. Flamboyant, 1958.
- DUCHESNE-GUILLEMIN, J., *The Western Response to Zoroaster*, Oxford, 1958.
- , *La Religion de l'Iran ancien*, Paris, 1962.
- DUMEZIL, G., *Les Dieux des Indo-Européens*, Paris, P.U.F. 1952.
- ELIADE, Mircea, *História das Crenças e das Idéias Religiosas* Rio Zahar, 1978 (4 vols.).
- FRISCHAUER, Paul, *Está Escrito, Documentos que assinalaram épocas*, S. Paulo, Melhoramentos, 1967.
- GARAUDY, Roger, *Apelo aos Vivos*, São Paulo, Nova Fronteira, 1981.
- GORCE, Maxime & MORTIER, Raoul; *Histoire Générale des Religions*, Paris Aristide Quillet, 1952, Vol. III.

LOMMEL, H., Die Yasts des Awesta (Os Iashti do Avesta), Gottingen, 1927.

MASSON-OURSEL, Paul, La Filosofia en Oriente, in: História de la Filosofia de Brehier Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1962.

MOLÉ, Marjan, Culte, myth et cosmologie dans l'Iran ancien, Paris, 1963.

NYBERG, H. S., Questions de Cosmogonie et de Cosmologie in; JA. 1929-1931.

RICOEUR, P. et alii, As Culturas e o Tempo: estudos reunidos pela Unesco, Vozes, São Paulo 1975.

SPIEGEL, F.; Avesta, die Heiligen Schriften der Persen, Leipzig, 1852.

VARENNE, Jean, Zarathustra, Paris, Ed. du Seuil, 1966.